

## A Filosofia Humanista de Fromm como Ciência do homem \*

Rainer Funk

Tradução: Ralph Roman K. Gniss \*\*



Erich Fromm (1900-1980)

### 1) O interesse norteador no pensar filosófico de Fromm

O conjunto da obra de Fromm revela que ele estudou Kant, Hegel, Nietzsche, Herbert Spencer, John Stuart Mill e William James, Heidegger, Sartre, Bloch e Habermas, mas nenhum deles marcou seu pensamento de verdade, e nem a filosofia de valores do seu mestre Rickert, em Heidelberg, reflete no seu pensamento. Fromm, porém, se vê profundamente ligado a pensadores como o filósofo judaico Maimônides, como a Cohen e Cassirer, Aristóteles, Espinoza e Marx, mais tarde também a Tomás de Aquino. Fromm haure do pensamento destes, mas chama a atenção que ele cita principalmente aqueles escritos onde articulam o ser humano como atuante. As éticas das virtudes de Aristóteles, Tomás e Espinoza, além do Marx dos

*Manuscritos Econômico-filosóficos*, são onipresentes no pensamento de Fromm, não a filosofia como uma abstração do ser humano concreto.

O interesse norteador da filosofia como ciência do homem de Fromm é sempre o ser humano concreto, não o pensar ou a consciência enquanto tal, ou a questão sobre as condições da possibilidade do pensar ou da consciência. Do surgimento da psicanálise, que não investiga o pensamento ou a consciência, mas o inconsciente em sua função de ser condição da possibilidade de pensar, resulta para o filosofar de Fromm, um interesse norteador que não é mais puramente filosófico. Não que ele quisesse reduzir a filosofia à psicanálise. Não se trata de diminuir o valor próprio da filosofia, mas esta é refletida em relação com outros fatores. O que pensa um homem, e de que maneira, o que significa razão para ele, e o grau de abstração que ele escolhe, se ele busca sua identidade filosófica no nihilismo ou na metafísica – ele não filosofa sem ser direcionado, de uma maneira ou outra, pelo inconsciente.

Fromm gostava de ilustrar até que ponto o inconsciente pode humilhar o filósofo e seu magnífico pensamento com observações sobre seu mestre Rickert. Este tinha uma aparência imponente e uma grande retórica filosófica. Mas Rickert, esse mestre do pensamento, sofreu de agorafobia, que o obrigou a ser levado numa cadeirinha entre sua

casa e a universidade. A discrepância, aqui visível, entre espírito e psique, simboliza que não existe nenhuma imunidade psíquica do filósofo e do seu filosofar.

Fromm critica cada filosofar abstrato que se imagina imune, principalmente quando argumenta como que existisse um ser humano abstrato ou uma abstrata natureza do ser humano. Apesar de falar constantemente sobre a “natureza do ser humano”, e sendo por causa disso acusado de naturalismo e idealismo, a questão sobre a “natureza humana” nunca aparece como se referisse à essência humana, mas sobre a *conditio humana* concreta.

A insistência de Fromm no conhecimento da *conditio humana* não significa que ele se restringisse às ciências de maneira isolada. Menos ainda gostou do pensamento positivista ou do conceito behaviorista para as ciências humanas. Quando ele define “normas e valores objetivos”, ele não pensa segundo a concepção behaviorista ou sociológica em normas de comportamento, nem em valores segundo uma ética de valores ou ontologia de valores. Podemos nos aproximar da sua compreensão de valores e normas com seu conceito das atitudes (conscientes e inconscientes), como são descritas nas antigas éticas de virtudes. O aspecto subjetivo pertence essencialmente à concreta *conditio humana*. Portanto, uma ética filosófica tem de respeitar as condições das possibilidades da ética no ser humano concreto.

O pensamento da modernidade é marcado por três descobertas fundamentais, relevantes para a questão da *conditio humana*: a descoberta do condicionamento biológico do ser humano por Darwin, do condicionamento sócio-econômico por

Marx, e do condicionamento pelo inconsciente por Freud. A leitura filosófica destas descobertas levou a diversas tentativas de integração em filosofias antropológicas, em “ciências sociais interdisciplinares”, tentativas sistêmicas e cibernéticas da coordenação dos saberes e igualmente a um “re-filosofar”, partindo dos resultados de cada ciência separada.

Fromm tenta integrar os diversos aspectos da *conditio humana* por sua “teoria combinatória”. Sua ideia mais fértil era de aceitar o inconsciente de cada um como marcado pela condição social, que pode ser investigado como caráter social e tem a função de substituir a segurança do instinto animal. Ele escolheu este conceito “sócio-biológico” que reflete a situação original de cada um no seu condicionamento biológico, social e psíquico e reúne os resultados das pesquisas de Darwin, Marx e Freud numa caracterologia sócio-psicológica.

## **2. O humanismo na base das ciências humanas.**

O humanismo “contempla o ser humano em sua totalidade psico-física e defende a ideia de que a destinação do ser humano é tornar-se ele mesmo. Condição prévia disso é que o homem tem sua finalidade em si mesmo” (1947a). Com isso, Fromm entra na fileira dos humanistas do iluminismo, para os quais o homem tem sua finalidade em si mesmo na medida em que encontra seu fundamento último naquilo que para ele é possível. Fromm desenvolve esta tradição humanista ao dizer que, contra a filosofia abstrata, a finalidade em si mesmo só pode ser fundamentada naquilo que é possível ao ser humano, e se esta fundamentação pode ser comprovada pelas ciências humanas.

Fromm busca com sua teoria sócio-psicológica do caráter responder à exigência de um saber concreto sobre a *conditio humana*, orientada ao sujeito, como é típico desde a filosofia do iluminismo. Ele fundamenta seu humanismo diante dos resultados biológicos, sociológicos e psicológicos não de maneira religiosa, teológica, metafísica, positivista ou niilista, mas por meio do conceito combinatório da sócio-psicologia, baseando-se nas ciências humanas de maneira abrangente. A referência às ciências humanas implica os dois aspectos da teoria combinatória: trata-se de uma fundamentação humana por meio de um método que abrange a totalidade do ser humano e de uma fundamentação científica que parte dos conhecimentos das ciências humanas e sociais.

A tentativa frommiana de uma fundamentação inclui vários aspectos da filosofia humanista. “O conceito mais importante e básico de humanismo é a ideia de que a humanidade (*humanitas*) não é uma abstração, mas uma realidade, de tal maneira que em cada indivíduo a humanidade toda está contida. Cada um representa toda a humanidade, e por isso todos os homens são iguais – não em relação às suas aptidões e aos seus talentos, mas em relação às suas qualidades humanas básicas” (1963f). Ao não entender o homem como abstração do homem concreto, mas tentando entender o homem concreto de maneira metódica e abrangente no condicionamento do seu caráter, pode-se conceber a humanidade inteira tendo em vista a pessoa concreta. Daí, não existe “nada de humano..., que não poderia ser encontrado em cada um” (1966i).

Quando se entende o ser humano de maneira abrangente e não como uma abstração da pessoa concreta, consequentemente não se pode abstrair

do homem o sujeito. O método combinatório da caracterologia sócio-psicológica não significa apenas uma coincidência das determinações biológica, psicológica e sociológica no caráter, mas igualmente, que todas as suas expressões vitais – seu pensar, seu sentir e seu agir – são determinadas por esses fatores, formando assim o caráter individual e social de cada um. Não existe um conhecimento geral ou científico, que independa do sujeito cognoscente, que em seus juízos está orientado por seu caráter. Por isso vale “que o conhecimento da verdade não é primeiramente uma questão da inteligência, mas do caráter” (1962a). Um conhecimento objetivo nas ciências humanas não se alcança isento de qualquer subjetividade e purificando o conhecimento de qualquer interesse, mas incluindo o caráter com sua orientação do conhecimento e do interesse, ou como diz Fromm, conforme a orientação produtiva ao não-produtiva do caráter (1947a).

O caráter cunhado na sua orientação por fatores sócio-econômicos e individuais induz a que a pessoa se oriente em todas as suas expressões vitais de maneira igual. Um exemplo da área da produção científica pode explicar isso: a atual organização científica das universidades corresponde ao aumento máximo da produção na sociedade industrial. Por isso, ela produz cientistas cuja intenção principal não é o conhecimento da verdade, mas o maior aumento de produção científica sob forte concorrência. Este traço do caráter orienta não apenas a produção de matérias científicas (cuja quantidade decide sobre a pontuação em concursos públicos), mas igualmente o trato com alunos, com a família, com outros cientistas, com o lazer ou com a necessidade de novos neologismos ou especializações acadêmicas.

Com o exemplo acima pode ser mostrado um outro aspecto do conceito do caráter na filosofia humanista de Fromm enquanto orientada ao homem. Cientistas orientados principalmente no aumento máximo da produção e com isso, na concorrência, representarão uma imagem do homem segundo a qual cada um é “por natureza” inimigo de cada um – *homo homini lupus* – e para quem a “verdadeira” ciência consiste na libertação dos sentimentos e de tudo incalculável, uma pura e objetiva ciência da razão. A exclusão metodológica de todos os fatores não-quantificáveis, subjetivos, do conhecimento científico, leva a maneiras de pensar, em que elementos correlativos como indivíduo-sociedade, homem-Deus, razão-sentimentos, consciente-inconsciente, subjetividade-objetividade são vistos como dicotomias.

Razão científica e caráter estão numa interdependência mútua. Como o caráter recebe sua orientação conforme as necessidades econômicas e sociais, a ciência humanista do homem reconhece a disposição e orientação psicossocial de todo conhecimento. Não existe conhecimento sem interesse. A contribuição específica de Fromm a uma compreensão humana das ciências consiste na percepção da correlação entre razão científica e caráter a partir do caráter; nisso persiste o conceito filosófico da *conditio humana*. A posição-chave do caráter em Fromm resulta não apenas da tentativa de fundamentar o humanismo e uma filosofia humanista nas ciências humanas, mas igualmente da tentativa de fundamentar uma ciência humanista no homem concreto.

### **3) Uma ciência do homem fundamentada no humanismo**

Não existe conhecimento sem interesse. Portanto, a questão decisiva é: qual é o

interesse do humanista? A ciência humanista reconhece o interesse de favorecer a dignidade, individualidade e integridade do ser humano e a convicção de que através desses atributos os homens se tornam mais justos, amáveis e razoáveis uns para com os outros. A investigação do caráter e de suas funções, deve oferecer à relação do homem consigo mesmo e com seu ambiente uma orientação dinâmica, pela qual o ser humano se comporta em todas as suas expressões de vida e relacionamentos sem grandes diferenças, esta investigação confirmou a convicção humanista de que existem orientações do caráter que favorecem o desdobramento e crescimento das forças intrínsecas do ser humano e outras, que o inibem. Sempre quando o caráter tem o interesse de levar as forças psíquicas intrínsecas ao crescimento, confirma-se a seguinte lógica:

Cognoscente e conhecido, eu e tu, homem e humanidade, indivíduo e sociedade, amor próprio e amor ao próximo, não são alternativas, mas aspectos correlativos. Quanto mais o homem for sujeito, tanto mais relacionar-se-á com os outros e com o mundo afora de maneira objetiva; quanto mais o homem está consigo mesmo de forma abrangente e realiza suas possibilidades, tanto mais pode estar junto ao outro; quanto mais confiante estiver de si mesmo, tanto mais pode confiar no outro; quanto mais ele se conhecer, tanto mais próximo está o diferente; quanto mais ele aprende a amar o estranho dentro de si mesmo, tanto mais pode ir ao encontro com o estranho de maneira amorosa, pois descobriu no estranho algo de si mesmo.

Se alguém considera os resultados de uma ciência humanista como plausíveis, isso decidir-se-á pela orientação do seu caráter. Estes resultados serão plausíveis só para quem tem uma orientação do

caráter que desenvolve e realiza as forças psíquicas intrínsecas do ser humano, seu ser sujeito e ser ele mesmo, seu amor próprio, seu auto-conhecimento e sua auto-confiança. No seu *Credo* humanista, Fromm escreve: “Creio que o ser humano pode presenciar a verdade do homem em sua universalidade somente ao realizar sua individualidade, e que ele nunca vai atingi-la se tenta reduzir o homem a um denominador comum. O desafio paradoxal da vida consiste na realização da sua individualidade para transcendê-la e chegar à vivência da universalidade. Só um *Self* plenamente desenvolvido pode abandonar o Ego” (1962a)

Fromm chamou de produtivas as orientações do caráter que desenvolvem as forças intrínsecas da psique humana, porque nelas o ser humano produz e forma sua relação com o mundo a partir de si mesmo e não apenas as re-produz (1947a). Aquele que pensa, sente e atua de maneira produtiva faz isso por motivação própria – *sponte sua*; por isso, Fromm falou no início de *spontaneous activity* (atividade espontânea), mais tarde da orientação pelo “ser” em vez pelo “ter” (1976a). As orientações produtivas do caráter contrastam com as não-produtivas que levam o ser humano a se fazer dependente daquilo que pode “ter” em vez de viver das suas próprias potencialidades. Eles definem seu valor próprio pela posse de algo que está fora das suas capacidades: pela posse de outros seres humanos, de bens materiais, valores éticos, convicções religiosas, ofertas psíquicas, etc., ou pelo não-ter das suas possibilidades.

Em relação à dimensão psíquica da vida, Fromm mostrou que a inibição e a frustração no desenvolvimento das forças intrínsecas provocam que o potencial do crescimento perverte-se em destruição e regressão maligna. Para

distinguir melhor, ele formou dois outros conceitos na definição da orientação do caráter: a orientação do caráter ou desenvolve tudo que favorece a vida, então é biófila, ou inibe esse desenvolvimento e promove tudo o que aniquila o que está vivo, quando é necrófila (1964a).

Diferentemente de Freud, para quem impulso à vida e impulso à morte são da mesma originalidade, para Fromm a biofilia é a possibilidade primária, enquanto a necrofilia é o resultado de uma vida não vivida. Também nisso, Fromm pensa conseqüentemente como humanista, sendo a capacidade ao “bem” primária. Assim, escreve no *Credo* humanista: “Creio na possibilidade do aperfeiçoamento do ser humano. Entendo que o homem *pode* alcançar seu objetivo, mas que ele não *tem que* alcançá-lo. Quando alguém não quer optar pela vida e por isso não cresce, será inevitavelmente destrutivo, um cadáver vivo. O mal e a perda do *Self* são tão reais como o bem e o estar vivo. Essas são as possibilidades secundárias do ser humano, quando ele não opta por suas possibilidades primárias” (1962a).

Entender a potencialidade para a vida como potencialidade para o bem só é possível por um ponto de vista que provém de uma orientação biofílica do caráter. Em analogia às forças intelectuais, como a memória, e físicas, como a força muscular, existem forças psíquicas intrínsecas que mostram a mesma dinâmica: elas existem apenas como potências e se atualizam como forças próprias na medida em que são exercidas e praticadas. Tais forças psíquicas próprias são o pensamento produtivo, o amor produtivo e o trabalho produtivo.

Produtividade, biofilia, orientação do caráter ao ser se expressam na dimensão



da relação intelectual pela capacidade de uma *razão produtiva*. Ao contrário da inteligência e da razão instrumental, a razão produtiva se interessa por seu objeto “não como algo morto [...], algo desvinculado de si mesmo e da própria vida, ou como algo sobre que se reflete, isolando-o de si mesmo. Pelo contrário, o sujeito está interessado no seu objeto, e quanto mais intensa a relação, tanto mais fértil a reflexão [...]. Mas a objetividade também caracteriza o pensamento produtivo: o respeito do pensador pelo objeto, e a capacidade de ver seu objeto tal qual é, e não como deveria ser conforme suas imaginações” (1947<sup>a</sup>).

A correlação entre sujeito e objeto, na qual se atinge a maior objetividade pela maior subjetividade possível, é igualmente o sinal da relação emocional na capacidade do *amor produtivo*. O amor é fundamentalmente inseparável; não se pode separar o amor a certos “objetos” do amor-próprio. O amor verdadeiro é expressão de uma produtividade interna e implica em atenção, respeito, responsabilidade e ‘conhecimento’. Ele não é um afeto que outro nos causa como efeito, mas é o desejo de favorecer o crescimento e a felicidade das pessoa amada... Se alguém é capaz de amar de maneira produtiva, amará também a si mesmo; se alguém pode amar *só* os outros, é incapaz de amar” (1956a). O amor entre duas pessoas é – como qualquer amor produtivo – “expressão de confiança entre duas pessoas sob a condição que cada personalidade fique intacta” (1947a).

O *trabalho produtivo* como expressão da dimensão de uma relação ativa mostra seu aspecto generativo da orientação produtiva do caráter. Ser criativo não significa necessariamente que algo novo tenha de ser criado, pelo qual o ser humano se define. “Se um

marceneiro faz uma mesa ou um joalheiro uma jóia, se um agricultor cultiva seu campo ou um artista pinta um quadro, em cada uma destas atividades criativas o criador se torna uno com a sua obra, o ser humano se unifica no processo criativo com o mundo. Mas isso vale apenas para um trabalho onde *eu* planejo, executo e vejo o resultado deste trabalho” (1956a).

Razão, amor a trabalho produtivos são forças psíquicas intrínsecas do ser humano que crescem e se tornam capacidades habituais, isto é, orientações do caráter, na medida em que são praticadas. São sinais de uma vida desenvolvida e realizada, feliz por possibilitar uma melhor relação do ser humano consigo mesmo e com seu ambiente, preservando sua totalidade e integridade. O homem produtivo nem está viciado em si mesmo nem em fugir do mundo, mas na entrega ao mundo está totalmente consigo mesmo e no mais elevado ser-ele-mesmo está totalmente com o outro.

Para uma ciência do homem orientada na produtividade em sentido frommiano, os opostos próprio-diferente, eu-tu, sujeito-objeto, dentro-fora não são alternativas, mas correlativos, para os quais vale um tanto-quanto, enquanto os opostos produtivo-não-produtivo, biofilico-necrofilico, ser-ter são alternativas que se excluem mutuamente. Para uma ciência na base da orientação não-produtivo do caráter vale o inverso: próprio-diferente, eu-tu, sujeito-objeto, dentro-fora são opostos que parecem ser alternativas, de maneira que importa frisar a diferença, distinguir, especializar, pulverizar, se definir, se assegurar, se impor e se defender. No outro lado, os opostos produtivo-não-produtivo, biofilico-necrofilico, ser-ter são entendidos no sentido do tanto-quanto: Quanto mais você tem, tanto mais você é; só quem

tem, também é; primeiro o ter, depois o ser; nenhum ser sem ter; os lemas são estes.

O início da definição do conceito do caráter por Fromm, leva a uma valoração das orientações do caráter que toma como medida as leis intrínsecas de uma vida psíquica que quer se desdobrar e crescer. Deste modo, Fromm se encontra na tradição humanista da modernidade. Ele fundamenta esta definição nas ciências humanas, entendendo-a a partir da *conditio humana*, isto é, pelas leis intrínsecas da vida psíquica.

A tentativa de Fromm de compreender o ser humano a partir do próprio humano, descobrindo o caráter como condição da possibilidade de uma existência concreta totalmente realizada, e chegando a uma fundamentação de uma filosofia humanista e a uma ciência do homem fundada nas ciências humanas, pode ser entendida como tentativa de fundamentar um humanismo radical, que procurou e encontrou sua raiz (*radix*) na *conditio humana* enquanto tal.

A definição biofílica e humanista, enquanto correlativa de caráter e razão, é relevante em todas as áreas do pensamento de Fromm. Além das afirmações filosófico-antropológicas, o humanismo frommiano e sua ciência humanista do homem podem ser mostrados em suas concepções sobre a teoria e a práxis psicanalítica, sua crítica à religião e sua defesa de um *ethos*

religioso, em sua ética humanista e sua teoria social socialista, em sua crítica à sociedades alienadas, em sua luta contra o armamento nuclear, em suas propostas para uma re-formulação da ordem social e econômica e em suas propostas para uma “arte de viver”. Em todas essas áreas, a fundamentação do humanismo frommiano nas ciências humanas provoca seus resultados; só no recurso à fundamentação sócio-psicológica da correlação entre caráter e razão as diversas afirmações e conclusões de Fromm sobre a ciência humanista do homem são coerentes e plausíveis.

#### Referências

FROMM, Erich. *Psychoanalyse und Ethik* (1947a) = Análise do Homem. 10ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1978. (München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1989 (GA; todas as obras de Fromm são citadas pela GA = Obra completa)

\_\_\_\_\_. *Die Kunst des Liebens* (1956a) = A Arte de Amar. São Paulo: Itatiaia, 1990.

\_\_\_\_\_. *Jenseits der Illusionen*. Die Bedeutung von Marx und Freud. (1962a) = Meu Encontro com Marx e Freud. 7ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1984a.

\_\_\_\_\_. *Die Seele des Menschen* (1964a) = Coração do Homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1965

\_\_\_\_\_. *Humanismus und Psychoanalyse* (1963f)

\_\_\_\_\_. *Zum Problem einer umfassenden philosophischen Anthropologie* (1966i) = O humanismo como Filosofia Global do Homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

\_\_\_\_\_. *Haben oder Sein?* (1976a) = Ter ou Ser? 4ª edição, Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

\* Publicado originalmente em: FUNK, Rainer. *Erich Fromms humanistische Philosophie einer Wissenschaft vom Menschen Erstveröffentlichung*. In: Jahrbuch der Internationalen Erich-Fromm-Gesellschaft, Band 1, 1990: Wissenschaft vom Menschen - Science of Man, Münster: LIT-Verlag, 1990, S. 28-39. Copyright © 1990 and 2003 by Dr. Rainer Funk, Ursrainer Ring 24, D-72076 Tübingen. Traduzido e publicado com permissão do autor.

\*\* Professor da Faculdade de Filosofia/UFG – Universidade Federal de Goiás.